

NATIONALBIBLIOTHEK
IN WIEN

156635-A

NEU-

Österreichische Nationalbibliothek



+Z218771505

156635-A

O CHAPIM DO REI

DRAMA EM UM ACTO

POR

J. NORBERTO DE S. S.



(Pauza Silva)

RIO DE JANEIRO

À venda em casa dos Editores

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, N. 77.

1911

1911

1911

1911

1911

1911

ADVERTENCIA.

E' este drama escripto no gosto dos vaudevilles francezes, composto após a traducção de *Ketty ou a volta á Suissa*, feita por mim; chamei-lhe por essa razão — Opera comica —, visto não possuirmos termo em nossa lingua que exprima semelhante casta de composições dramaticas. Basêa-se todo o seu enredo n'uma chacara portugueza muito antiga que o Sr. de Almeida Garrett publicou não ha muito no seu *Romanceiro e cancionero portuguez*. Evitei no dialogo as allusões menos decorosas e decentes, e algum tanto lascivas, que avultão no romance popular e procurei dar-lhe o que não tinha, a unidade de lugar, acção e tempo, que, digão lá o que quizerem, assaz concorre para a perfeição do drama.

Não é um primor d'arte, não é uma obra para adquirir nome, para conquistar applausos e louvores, nem escripta com algum fim que não fosse o de matar algumas horas de tedio; é pois um brinco no qual a imaginação folgou e deleitou-se a seu modo, distrahida de serios estudos ou de trabalhos estupidos que nos embotão a intelligencia e nos desvairão o genio em troco de um pão e nos quaes nos chafurda essa chamada protecção dada ás letras.

E entretanto não lhe faltaráo censores que se agastem com ellas tantas horas quantas eu folguei escrevendo-a, esquecido de mim e de meus cuidados.— Foi pena, dir-

me-hão, que tão mal gastasse o seu tempo.— Eu o sei e comprehendo com muitos que nada fazem e que tudo censurão, que mais facil me seria não escrevê-la.

Se algum dia se representar esta opera, pedirei toda a benevolencia para o autor da musica; talento precoce, genio ainda infantil que ensaia apenas o seu primeiro vôo e que promette muito. Seu nome começa de ser ouvido no salão da Philarmonica, onde não equivocosa applausos tem por vezes corôado os seus esforços. Tambem elle, como eu, não fez mais do que perder-se do trilho por onde o levão e encher algumas horas, modulando meus grosseiros versos. Nictheroy, 25 de Novembro de 1854.



INTERLOCUTORES.

O REI.

A CONDESSA DE VALDEREI.

O CONDE DE VALDEREI.

A AIA DA CONDESSA.

O MORDOMO DO REI.

A acção é no castello de Valderei nos tempos feudaes. Passa-se a scena no camarim da condessa sumptuosamente trastejado; portas lateraes que ou dão entrada para o camarim ou communicão este com as torres do castello; no fundo uma cama com cortinados, no meio uma mesa; aqui e ali espelhos e riquissimos e custosos trastes. E' alta noite.

2. The first part of the paper is devoted to the study of the asymptotic behavior of the solutions of the system (1) as $t \rightarrow \infty$. It is shown that the solutions of the system (1) are bounded and tend to zero as $t \rightarrow \infty$ if the matrix A is stable. The second part of the paper is devoted to the study of the asymptotic behavior of the solutions of the system (1) as $t \rightarrow \infty$ if the matrix A is not stable. It is shown that the solutions of the system (1) are bounded and tend to zero as $t \rightarrow \infty$ if the matrix A is not stable and the matrix B is positive definite. The third part of the paper is devoted to the study of the asymptotic behavior of the solutions of the system (1) as $t \rightarrow \infty$ if the matrix A is not stable and the matrix B is not positive definite. It is shown that the solutions of the system (1) are bounded and tend to zero as $t \rightarrow \infty$ if the matrix A is not stable and the matrix B is not positive definite and the matrix C is positive definite.

O CHAPIM

OPERA COMICA

EM UM ACTO.

SCENA PRIMEIRA.

O MORDOMO, A AIA.

Mordomo. — E então em que ficamos, Sra. aia?

Aia. — E' o rei... mas o Sr. conde...

Mordomo. — Ora está ainda por ser a primeira vez que eu deixe de dar boas contas cá de minha amavel pessoa nesses negocios do rei, meu amo; por isso o não por outra coisa vim eu, que não faltava lá em sua real casa quem viesse, e se tendes noticias minhas deveis saber que sou useiro e viseiro nestas emprezas do Deos vendado que é meninozinho que apadrinha todas quantas travesuras se fazem neste mundo.

Aia. — Creio muito de verdade, se creio, meu mordomo! Porém o Sr. conde traz a Sra. de Valderei em tanto recato que nem que a tivesse emparedada! Coitadinha!

Mordomo. — Qual recato nem meio recato! a quem contaes essas historias? Está emparedada

e o rei a vio; ora esta é boa, é boa não ha duvida.

Aia. — O rei a vio?

Mordomo. — Tão certo em como eu vos estou vendo com estes olhos que a terra ha de comer. Ainda não me acreditais, heim?

Aia. — Ah Sr. mordomo! não me digais isso outra vez, não gósto dessas graças.

Mordomo. — Entretanto é o que vo-lo repito.

Aia. — Pois deveras o rei vio a Sra. condessa? Se o Sr. conde o soubesse, se tão sómente suspeitasse, se apenas sonhasse, ai meu Deos, o que seria então de mim! Mordomo, isso não foi assim; estais a zombar, dizeis isso para ver se me amedrontais, não é?

Mordomo. — Antes o fôra, que então folgaria eu mais do que vós, porque essas cousas afinal dão que fazer e não ha corda que não quebre pelo mais fraco. Ora escutai-me. O Rei chamou-me esta manhã e me disse, até por estas palavras, sem tirar nem pôr cousa que faça duvida: « Meu mordomo, vi por aquelle monte uma vinha excellente, e d'entre as parras verdes distinguí uvas tão ricas, tão coradas, tão maduras que não posso resistir á tentação de cobiça-las; ide pois, mordomo, e sabeí quem as guarda. »

Aia. — E porque o disse elle isso?

Mordomo. — Porque vio neste castello essa rica e bella senhora, como que emparedada, e que por seu mal é a Sra. condessa de Valderei!

O rei a vio e deseja
De mais perto a contemplar;
E esse thesouro de amor
A seu gosto admirar.

Aia. — Ora e esta? não faltava mais nada!
Que venha cá outra noite
Depois que o conde chegar,
Que enquanto estiver ausente
Tal thesouro hei de guardar.

Mordomo. — Não, minha aia; pedi o que quizerdes que vo-lo darei de boa vontade, comtanto que o rei possa entrar aqui.

Aia. — E como? E de mais. fallarei eu á Sra. condessa em semelhante cousa, quando o Sr. conde...

Mordomo (enfadado). — E sempre o Sr. conde! Deixai o conde e tratemos do rei. Entre elle no camarim da condessa e o mais que fique lá a seu cuidado; assim pois nada tereis com a Sra. condessa; e quanto ao rei, por esse fico eu que vo-lo recompensará melhor do que ninguem, pois é quem é.

Aia. — Não ha duvida que o Sr. conde está ausente, que se foi a outras terras e que não sei quando voltará cá, nem o poderei saber, que tambem é cousa que não se cansa em dizer.

Mordomo (com alegria). — Deveras? Pois ahi está a occasião, minha aia! heim? Então que venha o rei e...

Aia. — Não, não!

Mordomo. — Peior!... O caso já esteve melhor do que não está.

Aia. — Não póde ser, exigis impossiveis.

Mordomo. — Ah minha aia, sois muito innocente! Com que então exijo eu impossiveis? Destas santarronas é que eu tenho medo (*á parte*).

Aia. — Nem mais nem menos.

Mordomo. — Minha aia, nem muito nem pouco rigor; não consintais, mas tambem não deixeis de consentir.

Aia. — Não sei como se possa fazer isso.

Mordomo. — Mui facilmente, fecha-se um olho e vê-se apenas com o outro. Não quereis decidir-vos, implorar-vos-hei de joelhos (*ajoe-lhando*). Eis-me a vossos pés, cedei, permitti, boa e amavel senhora, e vós que sois tão bonita (*pega-lhe na mão e dá-lhe um beijo*).

Aia (recuando). — Ora tirai-vos que não gósto dessas brincadeiras.

Mordomo. — Deos do céu! que mão mirrhada, que pelle de sapo beijei eu! (*A' parte e levantando-se*). Pois bem (*erguendo a voz*), não vos queixeis depois da severidade do rei. Trata-se de uma nova Helena, e esse castello será como Troia, sitiado, posto á sêde e á fome, arrasado e reduzido a migalhas, e então quero ver se podereis escapar ao castigo que mereceis pela yossa dureza.

Aia. — Jesus! santo nome de Jesus! e ha de acontecer tudo isso?

Mordomo. — Duvidais? Vós não sabeis o que vai por este mundo por causa desses anjos de formosura que andão pela terra tentando as pobres creaturas; eu mesmo tenho feito cousinhas por amor dellas que a estar em meu perfeito juizo por certo que não as faria. Já gramei muitas noites ao relento, de maneira a ficar mais frio que um caramélo; já andei noites inteiras ás apalpadellas perdendo o tempo que podia aproveitar em dormir socegradamente na minha cama, e para o que? Para afinal de contas me desandarem com uma tremenda sóva de páo, na qual ainda nos quartos de lua me lembrão alguns ossos que dóem-me a não poder ser mais.

Aia. — Tendes sido infeliz, mas é hem feito. Aposto eu que ainda não vos emendastes?

Mordomo. — Está visto e bem visto, e tanto assim que aqui estou eu agora expondo-me a mil perigos e... Mas deixemos isso, aia, deixemos isso. Vamos a saber, póde o rei vir ou não?

Aia. — Se...

Mordomo. — Estais irresoluta, incerta! Acabemos com isso. Sôou a hora de vossa felicidade ou desgraça. Escolhei: se fechais a porta, a felicidade não virá cá bater, mas a desgraça empregará todos os meios de penetrar neste recinto para vossa perdição.

Aia. — Sim... mas...

Mordomo — Para o rei não ha difficuldades, assim como para amor não ha etiquetas, e por isso anda vendado; se lhe fechão a porta entra pelas janellas, e por isso tem azas. Olhai; eu que tenho medo do rei que me péllo, que nem uma ovelha de um lobo, nada direi, nem piarei, que não pio... pois sei de cousas, se saberei! e vós se disserdes .. seja o que fôr... qualquer palavra... um gesto só... o rei e o conde vo-lo agradecerãõ de maneira a corrigir-vos para todo o resto de vossos dias.

Aia. — Se não ha perigo...

Mordomo. — Qual perigo nem meio perigo! Se houvesse para vós, havê-lo-hia tambem para o rei,

e quando o haja, estamos mettidos em boas mãos, que o rei não nos ha de deixar ficar mal.

Aia. — Porém, mordomo, ha mais quem vigie este castello e assim...

Mordomo. — Sois célebre no crear difficuldades! Eu a desfazê-las, e vós, minha aia, a levanta-las! Pois bem, a porta do castello é velha e esta chave serve á maravilha (*mettendo-lhe uma bolsa na mão*).

Aia (recebendo-a). — Deos me defenda de vós, se sois o espirito das trévas que me tentais. (*Benze-se com a bolsa*).

Mordomo. — Oh não, minha boa, minha excellente aia.

Aia. — Pois então...

Mordomo. — Acabai, acabai! Este *pois então* é tão esperançoso que pena fôra que não acabas-seis a phrase. Pôde vir, não é assim?

Aia. — Sim, dissei ao rei que venha...

Mordomo. — Oh como sou feliz! Aia, consenti que vos abrace, que vos beije, não como um amante, mas como um filho agradecido (*abrachando e beijando-a*). Oh diabo! que me esqueci da mão de sapo! Eu sempre cáio em boas. (*A parte, com repugnancia*).

Aia. — O que tendes?

Mordomo. — Nada... nada... umas vertigens...

coisa passageira. Pois bem, senhora, o rei me aguarda disfarçado, não distante daqui, e eu vou communicar-lhe que fica tudo ajustado.

Aia. — Ide pois ao rei e dizei :

Que o castello é bem guardado,
Mas que entra-lo deixarei;
Foi-se o dono a outras terras
Quando voltará não sei.

Mordomo. — Boas novas para o rei, meu amo!
Como não ha de elle ficar contente! Não ha nada
como ter um mordomo como este! Ora viva eu!

A porta é velha e a porteira
Com chave de ouro a tentei,
Serve a chave á maravilha,
Tudo por fim ajustei.

Mordomo. — Pois então á meia noite...
Aia. — Certo fica, venha o Rei;
Mordomo. — Mas segredo.
Aia. — Sim, segredo!
Mordomo. — Guardareis!
Aia. — Se guardarei!

Aia. — De pressa, mordomo, aviai-vos que
vos não enxergue a condessa que ahi vem.

Mordomo. — Como se abre esta encantada porta?

Aia. — Está fechada, vai ter á torre; sahi por onde entrastes; homem de Deos, dai-vos pressa que ella... ah, ella ahi chega.

Mordomo (procurando por onde deva sair emquanto a aia espreita se a condessa chega). — Já não me lembra por onde entrei. Este castello é um perfeito labyrintho! Ora com effeito! Tudo são portas tão iguaes, tão irmãzinhas como as palmas de minhas mãos, que se não differençaõ umas das outras. Aia, aia, por quem sois, que tão boa me pareceis, guiai-me, guiai-me! se me não quereis ver perdido por vossa culpa. Estou aqui que nem rato em ratoeira!

Aia (dirigindo-o). — Arre lá comvosco! Por aqui, mordomo, por aqui. Parece que não tem tino! (*A parte*).

Mordomo. — Ah! isso agora é outro caso! Esta, heim? (*mirando-a*). Cá me fica marcado. Irra! (*Vai-se*).

Aia. — Deos que o leva e a ama que chega! Tambem por pouco que não o apanha cá. Abrenuncio! (*Persignando-se*).

SCENA SEGUNDA.

A CONDESSA DE VALDEREI, A AIA.

Condessa. — Minha aia, não são horas de oração?

Aia. — A noite já vai adiantada, oremos pois ao Senhor e entreguemos o nosso espirito em suas mãos, como sempre o fazemos.

Condessa. — Sim, que necessito de repouso; eu gosto do somno; dormir é para mim um prazer, — porque o somno é para mim sem turbacão, nem sequer um máo sonho m'o perturba, que enquanto durino só os anjos me sorriem, só as fadas me encantão com seus palacios e jardins tão maravilhosos, porém agora...

Aia. — O conde já tarda, não é assim?

Condessa. — Já me vai dando cuidados a sua demora.

Aia. — E' por isso que o espreitais a todo instante.

Condessa. — Sim, é natural; procuro ver pelos trilhos que vem dar ao castello se o descubro precedido por essa nuvem de poeira erguida pelo trotar de seus corseis; e é por isso que o aguardo até alta noite, devorando com avidez essas horas

saudosas de tão longa ausencia, que mais e mais me prolonga o tédio.

Aia. — Ama-vos o Sr. conde loucamente, e elle não poderá dilatar por mais tempo a sua demora. Eu só peço a Deos que o traga são e salvo, e isso quanto antes. Por lá o detenhão Mouros! (*a parte.*)

Condessa. — E que direi eu, aia? Porém o seu amor é em demasia zeloso, e assim ás vezes me desgosto, penso até que elle não me quer tanto como parece, pois me tem aqui encerrada entre estes muros que são a sepultura de minha triste vida. Enoja-me já esta solidão; suspiro pela confusão, pelo bulício.

Aia. — E' que elle vos guarda como um thesouro de amor, que ninguem dirá que o não sejais, e tão avaro é o Sr. conde que receia perder-vos expondo-vos assim sem mais nem menos aos olhos do mundo. Quer antes prevenir do que deplorar um mal.

Condessa. — A tua simplicidade te inspira tanta franqueza. Por ventura não o amo eu céga-mente? Não lhe protestei, não lhe jurei mesmo ao pé do altar de Deos, onde se não mente, o mais cégo e fervoroso amor? E serei eu quem perjure, eu quem o deixe de amar um unico

instante nesta vida ; e eu que vivo só para elle !...
Oh ! tu és bastante sévera para comigo !

Aia. — Não tanto como elle, que a prova está ali, pois permitto que vos lanceis a furto das janellas do castello... Mas ah ! senhora, adverti que já alguém vos ha visto, e se o Sr. conde soubesse, suspeitasse, sonhasse sómente...

Condessa. — E quem me vio ? Esse cavalleiro seguido de seu escudeiro... que...

Aia. — Que talvez fosse o Rei em trajes disfarçados.

Condessa. — O Rei ? o Rei ? Ah ! pelo amor de Deos não me digais isso (*pausa*). O Rei ? Não ; não ; elle não me vio, e se me vio não me conheceu com a rapidez com que me retirei (*pensativa*). E era o Rei !... o Rei...

Aia. — Quero que não vos visse, mas se conseguisse ver-vos, senhora, e gabasse ao Sr. conde por possuir uma dona de tanta formosura a mais não poder ser ?

Condessa. — Ah ! eu estremeço ! As consequências serão horriveis, bem horriveis ; — apagai-me pois da imaginação essa lembrança ! que eu te prometto que não chegarei mais á janella. Dizem que sou bonita e eis-ahi a origem de meu mal. Oh isto é duro, durissimo.

Aia. — Durissimo. Os homens querem um dia-

mante e não o deixão brilhar á luz do dia! Irra com elles! Bem fez Deos em me fazer feia, que ainda assim não sou lá das peiores.

Condessa. — O meu leito está prompto?

Aia. — Podeis vos deitar quando quizerdes.

Condessa. — Primeiramente encommendarei minha alma a Deos e rogarei a meu anjo da guarda para que traga o conde quanto antes.

(Ajoelha-se. Enquanto a condessa, de mãos postas, entôa a sua oração, a aia arregança as cortinas de seu leito e lh'o prepara.)

Condessa.

Oh! meu anjo da guarda me ampara;
Vem com teu mago rir dissipar-me
Estas dôres e tristes saudades,
Que não cessão jámais de ralar-me.

Traze o conde de novo a meus braços;
Elle que é meu amor e ventura;
Elle que é toda a vida desta alma,
E desta alma a delicia e doçura.

Faze que eu repousando desperte
Nos seus braços fieis, carinhosos;
Nossos peitos palpitem unidos,
Nossos labios se encontrem amorosos.

Aia. — Assim ha de ser!

Condessa. — Oh! quem me déra que assim aconteça!

(A condessa sóbe para a cama, a aia cerra-lhe as cortinas; — meia noite no sino do castello.)

Aia, depois de contar as horas em voz baixa. — Meia noite; é o prazo dado! O Rei não póde tardar; apaguemos estas luzes. *(Apaga todas as luzes, deixando apenas uma; vai á cama, espreita e deixa de novo cahir as cortinas.)* Parece que já dorme com esse riso de innocencia que assenta tanto nessas faces de carmim e neve. Tambem ella é deitar-se que para logo adormece. Feliz creatura! *(escutando)*. Ouço rumor; se não é o conde, é o Rei... ha de ser... Mas seja quem Deos quizer. *(Toma a luz e sahe por onde entrou a condessa)*.

SCENA TERCEIRA.

A CONDESSA DORMINDO NO SEU LEITO E O
REI ENTRANDO SUBTILMENTE E O MORDOMO
A' PORTA.

Rei ao Mordomo.

Ah! mordomo, fica á porta
A' espreita, que eu entrarei;
Ah! ninguem aqui me veja,
Que se me perco não sei.

Mordomo á porta.

Sem receio, sem temores
Ficai qu'eu espreitarei;
No camarim da condessa
Podeis pois entrar, meu Rei.

(*O mordomo se retira, o Rei entra com um
candil de prata acceso.*)

Rei, olhando em torno de si. — Que riqueza!
que profusão! que magnificencia neste pequeno
recinto! Não ha senão prata e ouro na muito
nobre e antiga casa de Valderei! Que ricas sedas
de Milão! que bellas toalhas de Corteney! Estou
no paço phantastico de uma fada, no camarim

encantado de uma noiva, enfim no mysterioso céo de um anjo!... Mas porque estremeço? Que trepidação será esta que se apodera de mim? Ah! que mal posso dar um passo; abre-se-me o coração em sobresalto e o peito se me alaga de receios!... (*Põe o candil sobre a mesa.*) Aqui está o seu leito, o thalamo de amor rescendente de aromas como não os ha no Oriente, matisado de flôres que só para ella parece que produzirão os magos jardins do Paraiso. (*Pausa.*) Aqui repousa esse anjo de amor e de belleza! (*Pausa.*) Indeciso não me atrevo a levantar estas ricas cortinas de damasco bordado de ouro... Farei um esforço sobre mim mesmo... vencer-me-hei nestas repugnancias... (*Hesitando.*) Erguerei... não... erguerei... sim, erguerei. (*Ergue as cortinas; depois de longa pausa.*) Oh! que clarão que me deslumbra! Que formosura como talvez não haja, que não haverá por certo, na terra! Que belleza que é impossivel haver outra que a iguale! O primeiro ente, sahindo das mãos do Creador para remate das maravilhas de sua omnipotencia, não seria assim! Estes negros cabellos cahidos e esparsos parecem ondas que se deslisão por um monte de alabastro. Como se agita, como arqueja branda e suavemente esse collo de garça! Todo o seu corpo vapora balsamo divino! Dorme e dorme

tão descansada como o anjo da luz no seu berço de marfim, embalado no espaço, rodeado das flôres do céu que alvejam e rutilam como diamantes. Meu Deus, não bastava que o homem nascesse para amar a mulher; que ainda lhe deste em dote tanta fascinação e tantos encantos seductores, que ainda fizeste a mulher bella como uma idéa de teu grandioso pensamento! (*Ajoelha-se.*)

Meu Deus, oh meu Deus amado,
 Perdôa o que hei peccado,
 Qu'inda a tempo me emendei;
 Pois este anjo de belleza
 De innocencia e de pureza
 Não sou eu que offenderei.

Oh! que aqui ficarei toda a noite de joelhos, em pasmo, a olhar para ella! Seja-me ao menos permittido tão doce penitencia em desconto do que já pequei. Condessa, condessa de Valderei, eu te daria de bom grado todo o meu reino só para possuir o imperio de teu amor! Deporia meu sceptro radiante de gloria sob teus pés por um mover desses teus olhos; sentar-te-hia no meu throno como uma Rainha, comtanto que possuisses teu coração; e minha corôa, tão bella como magestosa, oh! com ella adornar-te-hia essa cabeça angelica e bellissima no instante em que

meus labios colhessem um beijo de tua bocca tão pura e tão corada como uma rosa orvalhada dos céos! Mas ah! que por minha desgraça, és a esposa do conde de Valderei, e não serei eu quem faça da tua formosura a culpa de seu infortunio! Felizmente para mim, que, arrastado pelo delirio de um amor louco e desvairado, pude ouvir a tempo uma voz que me dizia: « O Rei respeitará a mulher de seu vassallo! » Foi a voz de seu anjo e tambem a voz de minha consciencia!

Mordomo, á porta depois de bater tres pancadas levemente. O Rei levanta-se e deixa cahir as cortinas.

Apressai-vos,

Aviai-vos,

Meu bom rei!

Eis o conde em seu castello!

Eis o conde em Valderei!

Apressai-vos,

Aviai-vos,

Meu bom Rei;

Elle chega e vem armado,

Que será de nós não sei!

Rei. — Valha-me Deos! E' o signal ajustado, chegou o conde!

Sem demora
 Mesmo agora
 Sahirei;
 Chega o conde a seu castello !
 Chega, e eu em Valderei !
 Porém ella,
 Pura e bella
 Não manchei;
 Profanei seu aposento
 Mas a esposa respeitei !

(Pega no candil e apaga a luz; caminha ao acaso e pára.) Vale-me, tu mordomo, que daqui para ahi não ha acertar com a porta; tudo fechou-se em tremenda tréva.

Mordomo. — Vinde, vinde que chega o conde; elle não tarda a entrar... e se nos acha aqui, desarmados como estamos, o que será de nós? Já estou tão frio que não tenho pinga de sangue de meu.

Rei. — E o que será tambem da innocente condessa?

Mordomo. — Lá isso é o menos; salvai-vos, que elles se accommodarão da melhor maneira possivel, pois, briga de casados, quando anoitece não amanhece.

Rei. — Mas como sahir daqui?

Mordomo. — Como entrastes, que é no que eu sempre encontro maiores difficuldades.

Rei. — Não reflectes que nada vejo? Que estou rodeado de sombras?

Mordomo. — Vinde, não me ouvis? Pois eu vos fallo da porta.

Rei. — Ouço-te bem, se te ouço, mas onde estás é que eu não sei.

Mordomo. — E' porque estais ás escuras.

Rei, abalroando-se com a mesa. — Abalroei-me com a mesa!

Mordomo. — De mal a peor, mas antes mil vezes com a mesa do que com o conde.

Rei. — Ai, mordomo, que perdi o meu chapim.

Mordomo. — A melhor! Vinde, que vo-lo darei o meu, comtanto que nos não apanhe o conde... tremo que nem varas verdes, o que por certo não é muito bom para a saúde, pois estou em suores frios!

Rei. — E o meu chapim? o meu chapim? Deixa-lo-hei aqui?...

Mordomo. — E isso o que importa? Já vos não disse que daria o meu? Vinde, senhor, vinde por quem sois; tirai-vos dahi, que tanta demora nos póde ser prejudicial á vida, que já me está sendo a saúde; isto sempre é castello que tem portas por todos os lados, e se por desgraça se abre uma de repente e nos apparece o conde com que caras ficaremos nós? Que lhe havemos de

dizer? Que mentira lhe pregaremos que tenha cheiro de verdade?

Rei. — E o meu chapim? Não é tanto por perdê-lo como porque, deixando-o aqui, fica exposto aos olhos do conde, e, o que é ainda peor sujeito a conjecturas bem desagradaveis para o credito da condessa.

Mordomo. — Maldito chapim! E o conde quasi-quasi entra não entra...

Rei. — E que quereis que faça?

Soccorre-me, mordomo,

Em tanta desventura;

Ajuda-me, procura

Aqui o meu chapim.

Se chega a acha-lo o conde

Suspeitará que entrado

Eu tenho namorado

Aqui para algum fim.

Mordomo.

Triste de mim, mordomo,

Que a minha sorte é dura!

Em tanta desventura

O que será de mim?

Senhor, não tarda o conde;

E aqui em breve irado,

Virá com braço armado,

Matar-nos-ha por fim!

Ambos.

Oh Deos, o conde chega !
 Aqui nos escondamos ,
 Que embalde procuramos
 Esse fatal chapim.
 Ai triste e desgraçada !
 O céo se compadeça
 Da bella da condessa
 Tal ultrajada assim !

Mordomo. — Escondamo-nos aqui , senhor ,
 que nem lhe vejo outro meio , nem me lembra
 melhor remedio , nem me occorre outro recurso
 a tomar , pois o conde ahi vem a entrar por aqui .

Rei, partindo na maior afflicção. — O meu
 chapim ! O meu chapim !

Mordomo. — Essa velha não póde deixar de
 ser alguma bruxa (*indo ao encontro do Rei*).
 Ora queira Deos não fiquemos aqui encantados.
 (*Encontra-se com o Rei e recua horrorizado.*)
 Ah ! não me mateis , senhor , por quem sois ! Não
 fui eu... não fui eu... que sou um pobre diabo...
 (*querendo ajoelhar-se*).

Rei. — O que tens ? estás doudo ? *Mordomo !*
mordomo ! sou eu !

Mordomo. — Sois vós ? Pois era capaz de jurar

que era o vulto do conde. Que susto que tive!
 Ora valha-me algum santo bom que se conto da
 victoria não me torno a metter n'outra, ao menos
 tão cedo.

*(Vão-se a esconder no lado opposto áquelle
 por onde entrárão.)*

SCENA QUARRTA.

**A CONDESSA DORMINDO, O CONDE QUÉ ENTRA
COM UMA LUZ N'UM CANDIL QUE DEIXA E
FICA ATÉ O FIM SOBRE A MESA.**

*O Conde, dirigindo-se para a condessa, abre as
cortinas do leito, contempla por instantes e depois
a beija.*

Como é formosa e bella
Que encanto seductor !
Seu somno é de innocencia,
E puro e todo amor !

Imprimirei mil beijos
Nas faces de jasmins,
No collo de alabastro,
Nos labios de rubins !

Ah dorme, ó bella, dorme !
Ah dorme, ó meu amor !
Por ti a Deos responde
Teu anjo guardador !

Parece mesmo adormecida nos braços de seu
anjo da guarda e vigiada por elle ! Não a desper-
tarei ; mal póde tardar o dia, e minha presença
será para ella agradavel sorpresa. Com que prazer

não me estreitará sobre o seu peito!... Mas estas armas me pesão. (*Tira a armadura; caminha e topa com o chapim do rei, que apanha immediatamente.*) Que será isto? (*Examina-o á luz.*) E' um chapim de fina seda, toda de lavor de ouro, matisado de preciosas e ricas pedras!... Deos! Que idéa temível se me desperta! Não é meu, nem da condessa, nem de pessoa alguma de meu castello... e então de quem será? (*Estremecendo*) Alguem ousou sem duvida penetrar neste aposento... eis-aqui o vestigio .. e ali, ah, e ali a criminosa!... Perfida! aproveitou-se de minha ausencia para tão vilmente infamar-me! Perfida! e parecia tão pura e innocente, tão angelica quanto é bella, quanto é seductora para mim!... E tanto ultraje deixa-lo-hei sem castigo?... Mulher — que eu amei com o coração transbordando de ventura e de entusiasmo; — que nos meus transportes te beijava ebrio de contentamento; — que nos teus braços confessava no delirio de minha paixão que eu era o mais ditoso de todos os homens —; que junto a ti vivia satisfeito, sem mais uma esperança, que todos os meus votos estavam cheios!... Oh cego! Oh nescio que não previ o futuro; o futuro horrível que surge de tão suaves sonhos do engano de minha alma; — Mulher! por minha vida que morrerás, que mcr-

rerão ambos, tu e esse !.. e esse para quem tinhas ainda no fundo do coração o verdadeiro amor, que tudo o mais foi um sonho, uma cruel mentira!... Meu Deus!... E cri na fementida, no seu amor que pensei que era real!.. Ilusão !.. Engano, e depois perfidia, e finalmente o crime !.. (*Reflectindo*) Ambos ! tu e elle, caro me pagarão a divida que contrahistes comigo. Te-lo-bei animo ! Fa-lo-bei por ter. Eu não era esperado, a minha vinda foi uma surpresa, elle fugio, e na precipitação perdeu este chapim, e ella arrojou-se ao leito, onde finge que dorme, onde procura illudir-me!.. Sem duvida elle se esconde neste castello, neste aposento, aqui mesmo: e talvez me veja e se sorria em seu coração infame e desleal... Mas desgraçado de ti, quem quer que és, que a minha vingança será atroz. (*Guarda o chapim consigo, toma e desembainha a espada.*)

Sim vingança atroz, cruenta,

Eu tomarei,

Ou então não seja eu conde

De Valderei!

Sim vingança atroz, cruenta,

Eu tomarei!

SCENA QUINTA.

A CONDESSA DORMINDO, A AIA, DEPOIS O MORDOMO APPROXIMANDO-SE DE VAGAR, NAS PONTAS DOS PÉS.

Aia.—Meu Deos! O que terá o Sr. conde que de espada na mão percorre todo o castello? Que suspeitará elle? Quem sabe se alguem vio o rei e o seu mordomo... talvez elle mesmo... talvez; e então, ah misera e mesquinha de mim! O furor de sua vingança se estenderá até a pobre da velha aia!

Pobre aia, desgraçada,
Que me mandou metter em tal empreza,
Tão custosa e arriscada?
Oh ouro infame e vil, negra avareza!

E o que de mim será?
Ah vingança assaz horrivel,
Para exemplo terrivel,
Sobre a aia cahirá!

Que desespero!
Triste de mim!
Ai só espero
Funesto fim!

Mordomo (Que se tem aproximado, todo tremulo). — Senhora, o nosso homem anda lá por dentro, e ponde-nos portanto ao ar fresco da noite, que se o Sr. conde de Valderei nos apanha aqui, far-nos-ha a graça de mandar para melhor vida, e eu creio que isto não será muito do agrado do rei, meu amo, nem tão pouco do meu, que agora é que vou tomando gosto á vida.

Aia. — Eu é que estou perdida! Bem me presagiava o coração quando hesitei, e entretanto, maldito seductor, (*investindo para elle com a mão fechada*), és a causa disto tudo. Não sei onde estou que não te arrevento esses queixos.

Mordomo (recuando). — Alto lá, senhora, que eu pelo meu prazer não vinha cá... Como tenho estes ossos doídos! Ora queira Deos que hoje não seja para mim quarto de lua! (*A parte.*)

Aia. — Foste tu mesmo, meu correio de Cupido, que tanto fizeste que tudo alcançaste com esta bolsa infernal (*tirando-a do seio*). Ahi vai, que não careço do teu ouro. (*Arremessa-lhe aos pés.*) Guarde o lá que está amaldiçoado!

Mordomo (dando com a ponta do pé na bolsa). — Guardai-o vós, que eu cá a unica graça que espero é que nos ponhais quanto antes lá fóra... longe de vós e de todos os diabos.

Aia. — Não vês, que é um impossivel! O Sr.

conde está furioso e todas as portas do castello estão guardadas com sentinellas á vista. Agora havemos de dansar como nos tocarem.

Mordomo. — Ora faltava-nos mais essa! O caso está bonito, está, não ha que duvidar! Fujão lá de semelhante inferno! (*A parte e tornando-se logo ás boas.*) Bondadosa e excellente aia, vinde comnosco, abri-nos as portas; deixai-nos sahir; temos uma senha extremamente mágica para todas as sentinellas; dir-lhes hemos: « Deixai passar o rei. »

Aia. — Não é possível, não é; ninguem acreditará que seja o rei; que a taes deshoras deve estar mui socegradamente repousando em seu leito... E o Sr. conde, ah! o Sr. conde está furiosissimo! Já vistes um leão damnado?

Mordomo. — Deos me livre! Nem pintado!

Aia. — Pois assim está elle!

Mordomo. — Santo breve da marca!.. Mas, senhora, o rei... insta... o rei insta, é por elle que eu vos peço, rogo, imploro...

Aia. — E o conde? Quem mandará mais aqui de portas a dentro do que elle?

Mordomo (arremedando). — E o conde, e o conde? Elle que depois se avenha comnosco, e a Sra. condessa.

Aia. — Não faltava mais nada. Quer ir-se pôr

de papo descansado, deixando-nos em talas; benza-o Deos que não é tolo!

Mordomo (tomando-a pela mão). — Ah! boa aia, eu estou aqui como que n'um purgatorio, entre a cruz e a caldeirinha, com o credo na bocca, vendo-me por arames!

Palpito

Tiritō

De medo e pavor!

O' aia,

Que saia

O rei, é favor!

Aia. —

Por onde,

Se o conde

De espada na mão

Lá corre,

Percorre

Toda a habitação?

Ambos. —

Que susto!

Bem custo

Isto supportar;

Eu morro!

Socorro

Que vou a expirar!

Aia. — Ei-lo de volta!

Mordomo (escondendo-se por detrás della).
— E' o que quizeste, brucha infernal! Agora está bonito não é assim? A que neste mundo não está sujeito um pobre diabo como eu, que afinal de contas não valho o que sou!

Aia. — Deixa-te de arengas, esconde-te ahi (*apontando para debaixo da mesa*), excomungado! Ai que o homem vem furioso! A cholera lhe chammeja dos olhos! E' um leão furibundo, avido de sangue e de carnagem, que arreganha os colmilhos, que aguça as garras, prompto a saltar sobre a sua victima!... Ai de mim, que estou perdida!

Mordomo (mettendo-se debaixo da mesa). — E o que direi eu que não sirvo para estas cousas. Nem sei com que santo bom me apegue. Ora valha-nos a Virgem Santissima, que um gato não se occulta peor do que eu. Se escapo desta com vida, hei de dizer a todos que tornei a nascer. Aqui é calar que se fallo me engasgo com a morte!

SCENA SEXTA.

A CONDESSA DORMINDO, O CONDE, A AIA, O MORDOMO (*escondido a tremer de medo*).

Conde. — Que fazes aqui?

Aia. — Soube que ereis vindo e....

Conde. — Retira-te.

Mordomo. — Este — retira-te — vinha tão a proposito para mim! (*A parte*).

Aia (à parte). — Que irá elle fazer, meu Jesus? Bom é não perdê-lo de vista! (*Vai-se.*)

Conde. — As portas principaes estão fechadas e todavia ella não póde deixar de ser culpada.

Mordomo (à parte). — Ora sáia lá um homem daqui com as portas fechadas!

Conde. — Morrerá, mata-la hei! (*Aproxima-se do leito e afasta as cortinas.*)

Mordomo. — Que frios que sinto cá por baixo. Na verdade isto cá é muito humido!

Conde. — Meu Deos! Senhor meu Deos! o que farei?

Mordomo. — Eu cá se pudesse, punha-me ao fresco a unhas de cavallo! Lá o Sr. conde fará o que melhor entender.

Conde. — E' impossivel dormir tão serena quando se é criminosa, quando a consciencia não está tranquilla.

Mordomo.—E a prova disso sou eu, que agora não dormiria nem que me pellassem, que era bem feito para não me metter a abelhudo.

Conde.—Não, o crime não repousa tão placidamente; elle véla, e o remorso a seu lado!

Mordomo.—Nesse caso estou eu e o rei, meu senhor!

Conde.—E' impossivel, ella não é delinquente!

Mordomo.—Aquillo são preparativos para pôr a culpa emcima de mim!

Conde.—Sua alma respira serenamente, e serenamente palpita esse coração de que sem duvida eu sou depois de Deos seu maior dono!

Mordomo.—Mordomo? Ai aí ai! que o homem já falla em mim! Estou descoberto, não ha duvida! Desta vez morro de morte natural, que é a mais forçada que eu conheço.

Conde.—Mata-la-hei?

Mordomo.—Meu dito meu feito! Quer me matar e mata-me, senão morro já de susto!... Ora livrem-se lá desta! O caso vai se tornando serio!

Conde.—Amparai-me, Deos do Céu!

Mordomo.—E o que direi eu então, que estou no Kyrie eleison?

Conde (approximando-se da mesa).—O que farei?

Mordomo.—Cá vem elle direitinho, e querem

ver que me mata sem que o rei meu amo me defenda? Valha-me Deos, que não sei como me esconda. (*Esconde a cabeça entre os braços, o conde pára, reflectindo; longa pausa; o mordomo espia, e esconde logo a cabeça*).

Conde.—Esta mulher é uma fada, ou eu então sonhei com o chapim.

Mordomo (espreitando o conde). — O chapim?...

Conde.—O chapim!...

Mordomo.—E á dar-lhe!...

Conde. — Mas não o tenho eu aqui? Não é este? Não o encontrei nesta camara, ao pé de seu leito, neste lugar, aqui, aqui mesmo?

Mordomo (quasi chorando). — Bem dizia o rei! Maldito chapim, excommungado seja para sempre!

Conde.—Meu Deos, Senhor meu Deos, desvai-ra-se-me a razão, e esta cabeça.... oh, esta cabeça se me escandeece, e arde, e inflamma-se, e abrasa-se como um immenso volcão, que se abala consumido em suas entranhas por um oceano de fogo.... Ah! eu endoudeço!

Mordomo.—Santa Barbara! S. Jeronymo! que trovoada que se passa por lá! Naquelle estado se me pilha não deixa signal de mim! E' um corisco, é um raio, é um demonio!

Conde. — Oh que tormento,
 Que soffrimento,
 Duro e cruel!
 Não sei se a esposa
 Bella e formosa
 Foi-me infiel!

 E' delinquente,
 Ou innocente
 Quem dorme assim?
 Repousa a bella,
 E o crime véla,
 Véla sem fim!

Oh! encerrar-me-hei nesta torre até que appareça a verdade, que ha de apparecer; ou então morrerei; succumbirei a tanta duvida e incerteza.

Nesta torre sepultado
 Hei de p'ra sempre ficar;
 A' dura fome e á sêde
 Inda hei de me conservar;
 Com meus trajas e cabellos
 Não hei de mais me importar,
 Que esta verdade não saiba
 Para della me tirar.

(Encerra-se na torre.)

SCENA SETIMA.

A CONDESSA DORMINDO, O MORDOMO ESCONDIDO,
A AIA, VOLTANDO PÉ ANTE PÉ E DIRIGINDO-SE
À CAMA DA CONDESSA, ARREGAÇA AS CORTINAS.

Mordomo (querendo sahir). — Agora estou mais tranquillo, e vamos a ver se posso mudar de casa.... Oh diabo! (*Escondendo-se de novo*). Ahi chega a velha encazinada com uma carantonha temivel! Já nem se lembrará que aqui estou a Deos misericordia. Espreitemos o que vem ella fazer; talvez agora nós facilite a fuga.

Aia. — Sra. condessa, Sra. condessa, despertai.

Condessa (sentando-se assustada na cama).
— Quem sois? Ah és tu, minha aia, o que me queres?

Aia. — O Sr. conde acaba de chegar!

Condessa (levantando-se com os cabellos soltos). — E onde está elle?

Aia. — Encerrou-se naquella torre (*acenando para ella*) depois de haver corrido toda a casa com a espada desembainhada, dando demonstrações de ira.

Condessa. — E o que disse elle?

Aia. — Nada.

Condessa (a parte). — O que terá o conde, grande Deos!

Aia. — Alguma suspeita...

Condessa. — Disseste-lhe sem duvida que o rei me tinha visto á janella....

Aia. — Deos me defenda, que tal não disse, nem seria capaz... Olhai (*fazendo uma cruz com os dedos e beijando*) juro-vos por minha alma, por esta cruz!

Condessa. — E então que suspeita terá elle de mim? Ah é impossivel! quando nem um motivo lhe tenho dado, quando para seu amor ardente, não tenho senão um coração que, todo puro, só palpita por elle!

Mordomo. — O diabo a mim me leve se eu percebo semelhante michordia! (*A parte.*)

Condessa. — Quero vê-lo, quero que elle tambem me ouça.

Mordomo. — Temo-la travada! (*Coçando o nariz*). Oh que estou para espirrar! Onde hei de agora esconder o meu nariz!

Condessa. — Quero fallar-lhe.

Mordomo (espirrando). — Ora esconda-se lá sem licença do Sr. nariz!

Condessa. — O que isto?

Aia (examinando, procura encobrir o mordomo).—E'... é... (para o mordomo) Disfarce, procure arremedar o perdigueiro do Sr. conde! (O mordomo rosna como um cão). E' o cão que voltou com o senhor e que parece que veio indefluxado! (Para o mordomo, dando-lhe com o pé.) Agora silencio. Veja lá onde mette esse nariz que está insupportavel!

Mordomo.—Já tenho passado por asno muitas vezes, mas por cão é a primeira vez! A que não está um homem sujeito neste mundo!

Condessa.—Oh! é preciso que eu lhe falle. Conde (correndo para a porta da torre), Conde de Valderei, abri essa porta, vinde aos braços de vossa condessa.

Mordomo.—Oh diabo! Ora a velha que bem podia aproveitar a occasião e pôr-nos lá fóra, faz-nos ainda esta! A peça não está má, e aqui estaremos até a Pascoa ao domingo e feito o perdigueiro do Sr. conde.

Condessa.—Abri, conde de Valderei; é vossa esposa quem vos falla; vossa esposa que em nada vos ha offendido. Abri por quem sois. Eu vo-lo rogo, eu vos peço com o coração na mão!

Mordomo.—Resistão lá a semelhante eloquencia! Que labias que ellas tem!

Conde (dentro).—A esposa que eu amava
P'ra sempre deixei;
Entregue a incerteza
Aqui morrerei.

Aia.—Ouvistes, Sra. condessa? Quer morrer encerrado nesta torre!

Mordomo.— Por seu gosto, que ladrão! Quando eu me desejo ver longe daqui a mil leguas! Que se me vejo hei de ser lesto nas pernas como Satanaz quando se pillhou de botas.

Condessa.—Oh isto é cruel, é horrivel! Ir-me-hei queixar ao rei contra tamanha injustiça.

Aia.—Ao rei?

Mordomo (puxando-lhe pelo vestido).— Ao rei, sim, e então o que tem isso?

Aia (ao mordomo, tirando-lhe o vestido das mãos).— Esteja quieto.... socegue... quando não...

Mordomo.— Já estou, já estou! Se estarei! Não sou eu agora o vosso cachorrinho?

Aia.— Ao rei? Não vo-lo aconselho eu, senhora; o conde irritar-se-hia então de um modo extremo, pois bem sabeis que elle vos guarda como o maior diamante do mundo, a medo que lhe furtem tão querida e rara preciosidade.

Condessa.—Então encerrar-me-hei nesta outra

torre e estarei nella tanto quanto elle estiver ahi nessa outra.

Mordomo.—Faça isso, que lhe fico querendo bem. Então safo-me eu já!

Condessa. — Abandonar assim sua esposa que o amava tão de verdade.

Nesta torre sepultada
Tambem eu quero ficar;
A' dura fome e a sêde
Sem com os trajes e cabellos
Um instante me importar,
Que esta verdade não saiba
Para della me tirar.

(*Fecha-se na outra torre*)

Aia. — Sra. condessa, não vos emparedeis assim: attendei á vossa pobre aia! Eu vo-lo rogo de joelhos (*ajoelhando se á porta da torre*). Aqui estou prostrada, ouvi-me por quem sois!

Condessa O esposo que eu amava
(*dentro*). P'ra sempre deixei;
Entregue a incerteza
Aqui morrerei!

Aia (erguendo-se).—O rei attenderá ás minhas lagrimas e conciliará de novo a concordia entre

esses dous esposos que tanto se amavão, que parecião dous pombinhos sempre unidos, e ha de fazê-lo sem que me comprometta.

Mordomo (sahindo debaixo da mesa).—Alto lá, que agora sou eu gente! Deixai lá penar quem pena, que pena por seu gosto; ponde-nos ao ar livre que estou morro não morro de sufocado e preciso muito de respirar. Felizmente para nós o conde e a condessa no-lo permitem, que se acabão de emparedar que tão tolos forão, e antes elles do que eu; vamos, minha aia, que não nos falte o tempo; que é cousa que tambem tem preço e agora vale milhões; isto de arrufos de marido e mulher são chuviscos passageiros.

Aia.—Agora mando eu; ninguem sahirá.

Mordomo. — Como me fallais de papo! Ah minha espada! (*A parte*).

Aia. — Ninguem sahirá, já te disse, nem tu, mordomo, nem o teu rei apesar de todo o seu poder e magestade.

Mordomo.—Upa!... Nem o rei? (*Rindo-se*)
Havemos de ver como isto se faz.

Aia (batendo-lhe o pé).—Tenho dito.

Mordomo.—Como está valenté a mulherzinha!
Ora vá dahi que certo não sabes com quem fallas, nem tão pouco o que dizes. Havemos de sahir e já; abra-nos a porta.

Aia. — Pois saia se é capaz! Eu quero te mostrar para quanto sirvo e o que digo está dito. Eu cá não sou mulher de voltar atrás. Se querem sahir, saião, mas primeiramente hão de reparar o erro que fizerão; hão-de restituir-me o Sr. conde de paz feita com a sua amavel esposa, a Sra. condessa.

Mordomo. — Isto só pelo demo! Deitais nos a perder sem piedade alguma.

Aia. — Ou então façamos outra cousa.

Mordomo. — Outra cousa, e o que vem a ser?

Aia (*chegando-se para elle*). — Vós, mordomo não sois feio e...

Mordomo. — E vós, senhora (*afastando-se della*), sois o diabo em pessoa.

Aia (*enfadada*). — Está bem, o caso é este? Pois então não fazemos as pazes.

Mordomo. — Ah! é para fazermos as pazes? Sim... nesse caso... (*Chegando-se para ella.*) E' verdade que vós sois... ainda mostrais o que fostes... bonita... bella, formosa, emfim tudo quanto ha de mais perfeito neste mundo. (*A' parte.*) Quando pensei eu que lhe havia de dizer semelhantes cousas! (*A parte.*)

Aia. — E vós tambem ainda sois bello, esbelto...

Mordomo. — Mas emfim acabai com isso, o que quereis?

Aia. — Esperai, tendes pressa? O vosso semblante está apenas enrugado....

Mordomo. — E o que direi eu do vosso? Isto não pôde deixar de ser pulha (*a parte*).

Aia. — Mas ainda sois bello. Este rosto (*passando-lhe a mão pela testa*), é ainda de um rapagão.... e de um rapagão bem disposto!

Mordomo. — Xi, (*encolhendo-se e sentindo certa repugnancia.*) Aturem lá isto! A passar-me a lixa da sua pelle, cá pelo meu focinho! (*a parte*).

Aia. — E se dissermos que nos amamos.... não será isso....

Mordomo. — O que quererá ella comigo? Eis aqui um excellente principio de namoro e tão mal desperdiçado! (*a parte*). Acabai, senhora; em summa, o que quereis, e que pretendeis?

Aia. — Salvar a reputação da Sra. condessa, dizer ao Sr. conde que nos amamos e que viestes aqui por minha causa....

Mordomo (*virando-lhe as costas*). — E esta? Safa a rascada!

Aia. — Não achais acertado o meu plano? A Sra. condessa no-lo agradecerá e....

Mordomo. — E a vergonha de amar-vos, de requestar-vos, senhora? Onde iria o meu credito?

Aia. — E eu não exponho o meu? Grandissimo

tratante! Não queres, pois passe muito bem; vou dar a rebate, chamar tudo ás armas, e prender a ti e mais o rei.

Mordomo. — Estais douda, estais douda. O rei não tem já sahido porque não quer fazer uma estalada; mas coitada de vós, se ergueis a voz, sufoco-vos entre estas mãos como se fôreis.... Oh! eis ahi o rei. Agora veremos como lhe fallais. Já estais outra, não é assim? Era justamente o que eu esperava.

SCENA OITAVA.

A AIA, O MORDOMO, O REI.

Mordomo.— }
Aia.— } Senhor....

Rei. — Eu sei o que pretendeis; e farei justiça, restabelecerei a concordia entre os dous esposos para que possa ir daqui com este coração isento de remorso. Palavra de rei eu vo-la dou, aia, em como o conde ha de ser quem era; ou então eu não serei quem sou.

Aia (ajoelhando-se e abraçando-se com os joelhos do rei).— Ah senhor, grande e justiceiro, vós sois digno de reinar em todo o mundo.

Mordomo.— O que ides fazer, meu senhor?

Rei (levantando a aia).— O que é de toda a justiça.

Mordomo.— Em boas nos mettemos, e bom é sahirnos della do melhor modo e o mais de pressa possivel. Mandai, senhor, que tão grande quanto magnanimo e quanto poderoso sois, que ella nos abra as portas, nos franqueie a sahida; uma boa retirada tambem faz honra ao general.

Rei. — Dizeis bem, mordomo; ella será digna de nós; mas quero ouvir primeiramente o que elles dizem; escutarei a esta porta onde parece

que ouço a voz da condessa, voz celeste e meiga como nunca ouvi outra!

Mordomo.—E a voz do conde, senhor, é infernal, estrepitosa, horrível! Ladra como cão, ronca como porco, gane como crocodilo, rincha como cavallo, muge como boi, uiva como lobo, brame como tigre, e ruga como leão. O melhor é não escutarmos.

(Ouve-se a voz da condessa; todos a attendem.)

Condessa A certa dama que vira
(dentro). Nobre donzel se inclinou,
E coração, alma e vida
Para sempre lhe votou.

Vida ditosa viverão
Que tão de pressa correu;
Foi-se elle a outras terras,
E ella em prantos se envolveu.

E elle depois voltando
A consorte não buscou,
Encerrou-se n'uma torre,
E a morrer se condemnou!

Pobre esposa, que o motivo
Do desdem jámais achou,
Ah! também para morrer
Nesta torre se encerrou!

Aia (enxugando os olhos). — Que infeliz!

Mordomo. — Na verdade é triste ver assim penar uma dama, e por isso será bom irmo-nos embora! Estes espectáculos tirão a um homem cem annos de vida!

Rei (compungido). — Coitada da condessa! Lastima-se ella da sua triste sorte! Ouçamos agora o conde. (*Dirige-se á porta da outra torre; ouve-se a voz do conde, todos escutão approximando-se, menos o mordomo que se afasta.*)

Conde Ao infanção que a adorava
(dentro.) Nobre dama ao pé do altar
 Jurou-lhe amor e constancia
 A fé de esposa guardar.
 Que tão risenha que fôra
 Essa existencia de amor!
 Mas não sei que genio infausto
 Mudou tudo em pranto e dôr!
 De volta de breve ausencia
 Correu elle aos braços seus...
 E encontrou atroz vestigio...
 Foi-lhe infida?... Ah! sabe-o Deos!
 E o esposo que a adorava,
 Para sempre a abandonou;
 Sem certeza de seu crime
 N'uma torre se encerrou!

Rei. — Como são ambos desgraçados e por minha culpa!

Mordomo. — E tudo isto por causa de um chapim. Agora, senhor, o que pretendeis? Quereis que elle saia? Não sou eu que acuda a quem se mata por seu gosto.

Rei (batendo na porta da torre onde está o conde).

Houve um rei que andando á caça
Rica e bella dama vio,
E logo ardendo em amores
Ah! por ella se sentio.

Ausente estava o vassallo,
E o rei a peso de ouro
Penetrou no aposento,
Que encerrava esse thesoura.

Elle a vio, e ella dormia,
Quiz beija-la e não ousou!
E a esposa pura e bella
Do vassallo respeitou!

Mas sahindo do faustoso
Tão brilhante camarim,
Ah! deixou de si vestigio...
Ah! perdeu o seu chapim!

Conde (abrindo a porta). — Meu rei!

Rei (Apresentando o outro chapim).—Vêde, conde de Valderei, que fui eu proprio!

Conde (entregando o chapim ao rei).— Tomai, senhor, eu vo-lo restituo, vós me outorgais a vida, a minha condessa, e a sua innocencia. Onde está ella?

Aia (ajoelhando-se).— Senhor, a condessa está ali naquella torre e a culpada fui eu, eu tão sómente!

Mordomo.—Fui eu, eu só, senhor, eu que a subornei para obedecer a meu rei. (*A parte.*) Agora não tenho eu medo. Como se desembaraçou semelhante meada!

Rei.— Ergue-te (*á aia*) só eu fui o culpado!

Conde (batendo na porta da torre em que está a condessa).— Condessa de Valderei bella e innocente esposa, abri esta porta, vinde a meus braços.

Condessa (abrindo a porta e atirando-se-lhe nos braços).— Conde!

Conde (depois de abraça-la).— O rei nos restituo de novo á paz de nosso lar, á nossa ventura e felicidade.

Condessa.—Senhor, eu vo-lo agradeço.

Rei.— Bella e formosissima condessa, ditoso e invejado conde, vivei felizes e venturosos!

Mordomo.—Ora nunca esperei que o desfecho

fosse tão agradável para mim e tão hontoso para
ambos os meus senhores.

Todos (em côro).

CÔRO.

Viva o condé e a condessa!

Viva, viva, viva o rei!

Reine a paz, reine a alegria

Na casa de Valderei!

FIM.

Rio de Janeiro. — Typographia Universal de LAEMMERT,
Rua dos Inválidos 61 B.

